

DR. MOUSTAFA MOULD, EX-JUDEU, EUA (PARTE 1 DE 5)

Classificação:

Descrição: Depois de uma jornada espiritual de quase 40 anos, um linguista judeu de Boston encontra o Islã na África. Parte 1.

Categoria: [Artigos](#) [Histórias de Novos Muçulmanos](#) [Homens](#)

Por: Dr. Moustafa Mould

Publicado em: 12 Jan 2015

Última modificação em: 11 Jan 2015

Uma odisseia é uma jornada longa e errante. A palavra vem de Odisseu (em latim, Ulisses) um herói do poema épico, A Odisseia. A jornada dele para casa levou dez anos e foi carregada com muitos incidentes, desvios, perigos e aventuras. Em retrospecto, minha estrada para o Islã - minha jornada para casa - parece uma odisseia. Quando olho para trás em minha vida, desde minha tenra infância até finalmente fazer a *shahadah*? [\[1\]](#), uma jornada de quase 40 anos, parece que existiram muitos sinais, muitos momentos decisivos, alguns significativos, alguns triviais, que estavam todos me preparando e apontando o caminho para o Islã.

Cresci em Boston. Era uma cidade muito católica, majoritariamente irlandesa e italiana, com comunidades pequenas, mas significativas de negros, judeus, chineses, gregos, armênios e árabes cristãos e, naqueles dias especialmente, cada grupo tinha sua vizinhança. Havia muitos restaurantes gregos e sírios e cresci amando salada grega *shish kebob*, *lahm mishwi*, quibe, folhas de uva, homus, qualquer coisa com cordeiro, etc.

Minha família era principalmente de judeus conservadores da classe trabalhadora. Meus avós tinham fugido do antissemitismo e dos pogroms da Rússia czarista por volta de 1903. Eles e suas famílias tinham encontrado trabalho nas oficinas de costura do bairro de vestuário, uns poucos tinham habilidades manuais e eram muito ativos em seus sindicatos. Fui o primeiro de minha família a ter um diploma universitário. Nossa casa não era estritamente kosher, mas jamais sonharíamos em comer porco. Todos os feriados e jejuns eram observados e por anos fui à sinagoga todos os sábados e feriados com meu pai e meu tio.

A sinagoga a qual pertencíamos era conservadora, próxima da ortodoxa, mas modernista: era muito tradicional, mas as mulheres não eram totalmente segregadas. Comecei a "*Madrasah*" (escola hebraica) com a idade de seis anos. Era 1948, que viu o nascimento do estado de Israel e a propaganda sionista enchia a atmosfera, assim como as conversas e sermões sobre os nazistas e campos de concentração, e havia muitos sobreviventes, refugiados e imigrantes recentes.

Naquela época ainda havia muito antissemitismo nos EUA, especialmente no sul e no meio-oeste, mas também em Boston. Os gregos, sírios e italianos eram ótimos, mas os irlandeses eram um grande problema que remontava à geração dos meus pais na Segunda Guerra e os anos 1920. Durante minha infância frequentemente cuspiam em mim, era perseguido, insultado e espancado. Até me seguraram no chão e abaixaram minhas calças - além da humilhação, queriam ver como era uma circuncisão.

Meus professores de hebraico eram dois irmãos israelenses que eram ortodoxos e veteranos da guerra de 1948. Deles aprendi o hebraico moderno e absorvi muito da ideologia sionista, junto com os ensinamentos religiosos. Tornei-me mais religioso e um ávido sionista. Acreditava que os judeus precisavam de seu próprio país no caso de outro Hitler - aquelas crianças irlandesas não estavam fazendo nada para aplacar meus temores e não me sentia "em casa" na América. Decidi que partiria e passaria minha vida em um kibutz (fazenda comunitária).

Meu pai era músico e cantor (líder de oração). Tinha uma bela voz de tenor, preferia as melodias mais tradicionais, preferivelmente orientais e recitava as orações com muito *huzn* (tristeza) (quando aprendi essa palavra recentemente comecei a me perguntar se era relacionada como a palavra hebraica *hazan* = "recitador"). Em nossa sinagoga o recitador do Torá usava um tajwid que soava muito oriental e eu adorava ouvir. Acredite ou não, recentemente ouvi um amigo recitando do Alcorão e soou quase idêntico.

Uma coisa que se destaca claramente em minha memória, mesmo agora durante o salat, é que nas orações judaicas existem referências regulares à prostração (*sujud*). De fato, é um costume em sinagogas mais ortodoxas que durante o Yom Kippur, o dia de jejum mais sagrado e o equivalente à "Ashura", o recitador, em nome da congregação, faça de fato o sujud, durante a recitação. Esse não é um feito menor e meu pai, com sua voz poderosa, o fazia extremamente bem. Lembro-me de pensar na época que seria realmente ótimo se todos de fato nos prostrássemos, ao invés de apenas nos curvarmos como um *sujud* simbólico.

Por volta dos oito ou nove anos, descobri por acaso uma estação de rádio que transmitia programas das comunidades étnicas locais. Comecei a ouvir os programas ídiches, gregos e armênios e especialmente à Hora Árabe. Apaixonei-me pela música e pelo som do idioma. Usando o hebraico que sabia, tentei entender as notícias e identificar as correspondências de sons. Notei as diferenças entre o *hamzah* e *'ayn*, *kh* e *h*, *k* e *q*, distinções que o hebraico moderno perdeu. Isso melhorou muito minha fala em hebraico e recebi prêmios na aula de hebraico. Também me lembro de ajudar meus amigos a trapacear durante os testes de pronúncia repetindo palavras em um sotaque "árabe".

No segundo grau tinha descoberto a biblioteca pública de Boston e sua seção de registros: além da clássica, descobri a música regional étnica do mundo todo, mas gravei especialmente para a do Oriente Médio: árabe, turca, persa e então indo-paquistanesa. Aprendi a identificar vários estilos, instrumentos e ritmos regionais. O que mais amava era o alaúde. Aprendi sozinho a tocar o dumbeg e acompanhava as

gravações. Uma vez um grupo de judeus do Iêmen veio a Boston de Israel para tocar canções e danças folclóricas. Fiquei fascinado pela aparência, costumes e música deles. Até pronunciavam o hebraico como eu durante o teste de pronúncia.

Menciono todas essas coisas pequenas porque existe um componente cultural inegável ao Islã: a língua, as melodias do adhan e do Alcorão, interações sociais e outras características que são realmente muito exóticas e estranhas para o ocidental mediano, incluindo os judeus ocidentalizados, mas que, quando as encontrei pela primeira vez anos depois em um contexto diferente, já eram muito familiares e agradáveis para mim, até chegar ao ponto de nostalgia, e que tornou mais fácil para mim aceitar e seguir o Islã. Mais sobre isso depois.

Meu melhor amigo no segundo grau também foi uma influência forte sobre mim. Lia muito sobre filosofia, poesia e literatura religiosa. Não me importava muito com as duas primeiras, mas de fato lia alguns escritos religiosos, hindus, budistas, taoístas - e o Alcorão. Notei que suas histórias eram muito semelhantes às histórias da Bíblia, mas sentia que eram anti-judaicas. Fiquei muito impressionado, entretanto, pela sua descrição de Jesus como um profeta, não apenas um rabino. Aceitei e isso se tornou minha resposta para meus colegas de turma católicos, quando perguntavam qual era minha crença em relação a Jesus. Não pareciam muito descontentes com isso.

Notas de rodapé:

[1]

Shahadah, o testemunho islâmico de fé, ou seja, "testemunho que não há divindade exceto Deus e que Muhammad é mensageiro de Deus."

O endereço web deste artigo:

<https://webcache001.islamreligion.com/pt/articles/4003/dr-moustafa-mould-ex-judeu-eua-parte-1-de-5>

Copyright © 2006-2015 Todos os direitos reservados. © 2006 - 2026 IslamReligion.com. Todos os direitos reservados.